

Sílvio Coelho dos Santos no ano de 2006



Silvio Coelho dos Santos
nas três fotos em trabalho
de campo na Amazonia





Claudia Fonseca Maria Cecília Helm e Silvio Coelho
na reunião da diretoria da Aba na UFSC em 2002



Silvio Coelho em trabalho de campo na Amazônia



Silvio Coelho com o antropologo Noel Nutels anos 70



Silvio Coelho na regio de Ibirama SC anos 80



Silvio Coelho com
Roberto Cardoso de Oliveira



Silvio Coelho em encontro
com o cacique Xokleng



Maria Jose Reis e
Silvio Coelho em
reuniao do NEPI/UFSC



Sívio Coelho com um índio
Xokleng em Ibuama SC

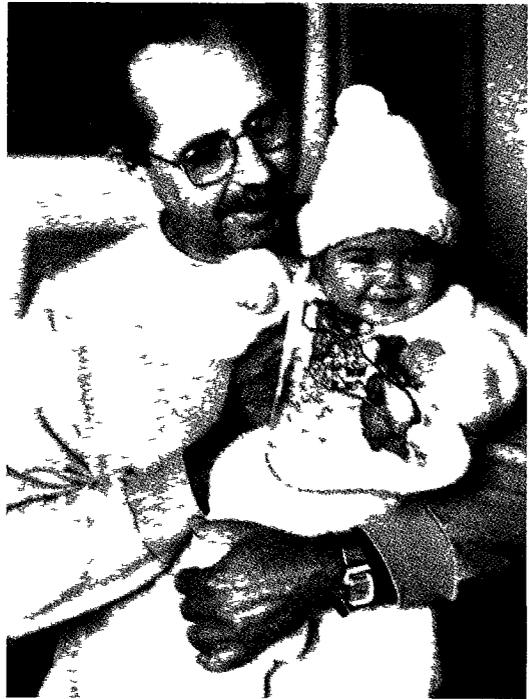


Sívio Coelho entre Osvaldo Ferreira de Melo e Iaponam Soares
em solenidade da Academia Catarinense de Letras

Silvio Coelho com o
seu orientador de tese
João Baptista Borges
Pereira da USP



Anelise Nacke Neusa Bloemer Silvio e Maria Jose Reis em reunião do NEPI



Silvio com a sua
primeira neta



Silvio com a sua esposa Alair em solenidade da Academia Catarinense de Letras

Sílvio Na prefeitura houve uma época em que o prefeito dava uma vaga para alguém, como eu, por exemplo, e eu fui ser diretor do grupo. Eu não fiz concurso, eu só fiz concurso na segunda situação. Fui designado pelo prefeito, era um cargo de confiança. E eu fui designado mais para arrumar a escola. A escola tinha tido um diretor, e na verdade ele não assumiu a liderança. Então, como era uma escola nova, precisava de alguém que desse uma certa organização, que supervisionasse afinal, que fosse exercer o papel de diretor, realmente. Quando isso aconteceu, claro que eu não cheguei lá na prefeitura, eu, sozinho, estudante. Eu já tinha procurado um amigo do meu pai, que meu pai já tinha conversado com ele, e eu fui lá, já fui recebido como potencialmente uma pessoa que podia colaborar. Agora de outro lado, o mercado de trabalho tinha muito pouca oferta de gente que já estava na faculdade, que sabia datilografia. Isso era raro entre os meus colegas de ginásio quando eu entrei, com onze anos. E havia uma perda enorme de estudantes. Eram quatro turmas do primeiro ano, e quando me formei eram só duas turmas. Mesmo assim não eram turmas de 40 mas turmas de 30. Depois, quando eu voltei para o clássico, havia apenas uma turma no mesmo colégio.

Espaços e história da família

Diana Mas passando para sua experiência, a experiência da sua família, seu pai era comerciante, e eu entendi pela sua própria fala, pela sua própria escrita, que você se identifica como sendo nativo da Ilha. Queria ouvir da sua própria experiência, seu pai era comerciante, então você já morava na cidade?

Sílvio Na verdade, meu avô era agricultor e dono de um engenho de açúcar e de farinha, suco de cana e cachaça, no Alto Biguaçu. Isso aí seria hoje entre Biguaçu e Tijucas. Minha avó paterna era de Enseada do Brito, era de descendência açoriana, e eu a conheci, meu avô morreu antes do meu pai casar. Então, das características dele – sob o ponto de vista étnico, eu não posso dizer que era descendente de açoriano. Como eu lhe disse antes, não fiz pesquisa genealógica. Mas a minha avó com certeza era de descendência açoriana. Minha avó paterna. As avós maternas já têm outra trajetória. Então, esse meu avô quando casou, ele tinha comprado, ou afinal já possuía, ou comprou logo depois do casamento, isso eu não

sei, uma propriedade no Alto Biguacu, que tinha um engenho. Ele era um homem com certos recursos em termos rurais, quer dizer dono de engenho, de cavalo, de charrete. Não tinha venda, mas era um agricultor relativamente forte. Aí na época de mil novecentos e dez, doze, um pouco antes da Primeira Guerra Mundial, houve aqui uma epidemia muito grande de gafanhotos. Conhece gafanhotos?

Diana Sim, sim, são bíblicos

Sílvio Exatamente, que comem as plantas. E houve também uma catástrofe de enchentes e as propriedades dele eram cortadas pelo rio Biguacu. Tinha uma enchente. E eu sei que num ano os gafanhotos acabaram com a produção agrícola, e, no outro ano, ou dois anos depois, essa enchente também destruiu uma boa parte da propriedade. E com isso a família resolveu vender e migrar para a cidade, no caso para Florianópolis. Nós temos muito essa referência “a cidade”. Meu avô veio morar onde hoje é Itaguaçu, Coqueiros. Comprou ali uma propriedade “rural”, mas agora é uma propriedade urbana de pequena dimensão, devia ter lá dois ou três hectares. E eu sei que hoje está todo loteado, e se ele tivesse ficado com essa propriedade a família era atualmente milionária, pelo tamanho. Mas aí ele passou a ser um empregado urbano, pois era um homem rural, e começou a prestar o seu serviço de mão de obra, naturalmente nos empreendimentos rurais. Na tradição da família, trabalhou ali na canalização do rio, na Hercílio Luz, no centro da cidade, e trabalhou também na casa do Bispo. Afinal, foi uma pessoa que ia se adaptar, da vida rural para a vida urbana. Mas o processo foi complicado. Minha avó teve que segurar a economia da família, primeiro orientando os filhos para já fazer não só uma instrução um pouco mais avançada, mas cada um tinha que aprender uma profissão. Então, o meu pai, nesse momento, aprendeu a ser sapateiro, foi para a escola técnica para aprender lá, e depois começou a trabalhar em algumas sapatarias como ainda meio oficial, como chamava, não era ainda um operário pleno na especialidade dele. Isso aí durou uns cinco anos, até que ele já estava na condição de um oficial pleno.

Diana Sílvio, seu pai ficou em Coqueiros, ou mudou de residência para a Ilha?

Sílvio Naquele tempo a sapataria, quando era uma sapataria completa, era uma fabrica de calçados e também de consertos. Ele aprendeu a cortar, costurar, moldar, aquela coisa toda, e era um processo de aprendizagem complicado, que tinha várias etapas. Uma família um tanto próspera aqui na cidade tinha um filho que não queria mais estudar. E o pai resolveu comprar uma sapataria para ele, e chamou meu pai para ser o administrador da sapataria, e para ensinar o filho dele, que não sabia nada, mas que queria aprender a profissão. Não sei se isso era relação de amizade não era relação de parentesco. E eu sei que meu pai ficou durante três ou quatro anos sendo uma espécie de orientador, treinando este rapaz, e seguindo a tradição da minha família. No final desse período, o rapaz achou que era muito pesado ser sapateiro, que era muita incomodação, e resolveu voltar a estudar. (risadas) E aí aconteceu o seguinte: a família do rapaz resolveu consultar se meu pai não queria ficar com a sapataria. Nessa altura ele já namorava com a minha mãe, e ela sempre foi muito mais entusiasmada do que meu pai. Minha mãe sempre teve uma postura de vida muito otimista, sempre foi uma mulher muito otimista. E eu sei de que ela animou ele demais. Claro, eram namorados, mas ela animou ele de modo que realmente comprasse, que não tinha capital, e ia pagar aos poucos. E meu pai acabou se transformando em proprietário dessa sapataria, que nesse momento era praticamente ele e o rapaz que era aprendiz. Era uma sapataria pequena. Mas aí o meu pai organiza: ele muda de ponto e convoca outros sapateiros, e eles formam uma espécie de cooperativa onde ele era o titular nominal, que tinha que ter a organização junto à prefeitura, tinha que ter autorização, contabilidade, essas coisas todas. Fiscalização naquela época já era uma incomodação, essa fiscalização do governo. Então, nessa oficina, os operários trabalhavam em cooperativa, mais ou menos na mesma maneira que ainda é hoje, por exemplo, onde eu frequento minha barbearia. O barbeiro que eu vou, realmente é uma espécie de uma congregação de barbeiros e tem um titular que responde pela barbearia, que é uma espécie de “dono” da barbearia. Os demais são cooperativados. Todo mundo ganha percentualmente. Uma parte é do titular da barbearia, e que vai servir para pagar o aluguel, pagar os impostos, pagar tudo isso, e o lucro dele. A outra parte é para o meu barbeiro. Então, nessa época do meu pai, a coisa era um pouco mais

socialista, porque na sapataria, logo que se instalou, era uma especie de confraria do Partido Comunista. O meu pai era simpatizante do Partido Comunista, mas não era filiado, era so simpatizante. O coordenador dessa célula, como chamava, lá dos anos 1930, 32, 35, por aí, era um desses associados do meu pai, era um senhor que chamava Francisco. Eu não sei se era Francisco Campos, ou Francisco Pereira, era Francisco de alguma coisa, não me lembro bem do nome. Pelo menos não me lembro de memoria, mas eu tenho isso anotado em casa. E esse senhor então, reunia todos e claro que ele fazia um proselitismo entre os outros colegas, que nem todos eram filiados ao partido, eram simpatizantes, como era o meu pai, não é? Circulava aí uma certa documentação de propaganda do Partido Comunista – o jornal *A voz operaria*, por exemplo, eu conheci na sapataria, e essa sapataria existiu mais ou menos ate 1950 por aí com essa organização. Depois mudou, vou explicar o porquê. E eu era aluno do Instituto de Educação, que hoje funciona na avenida Mauro Ramos, mas na epoca funcionava onde ate recentemente era a Faculdade de Educação, atras do Correio, bem na praça central, na rua seguinte, para a esquerda. Tem ali a rua Saldanha Marinho, então tem um predio imponente, que e dos anos vinte, que era a sede do Instituto de Educação. E alguns professores do meu colegio de ginasio eram comunistas, e frequentavam células do partido. E eu lá com os 10 anos, 11 anos, quando tinha folga, estava sentado lá na sapataria, inclusive aprendendo a bater solas, não profissionalmente, mas no sentido de divertimento. E ia fazer compras para todos, um ou dois dias da semana, tinha que fazer compras de assessorias que precisava de acordo com a movimentação.

Mas a partir de 1945, a legislação brasileira, em termos deste tipo de atividade, começou a se modificar, no sentido de privilegiar a industria de calçados. E fazer calçados novos começou a ter uma concorrência da fabrica de calçados, com o calçado manufaturado, como o alfaiate hoje, ou a costureira. Você vai lá, o preço é mais caro do que comprar numa loja que está vendendo por atacado a produção de uma fabrica. Bom, então aí as coisas começaram economicamente a ter problemas para o meu pai. Foi nesse momento que um irmão dele (eram em três irmãos), o mais moço, que era o mais atrado, entrou com uma proposta para o negócio. Meu pai não era bom comerciante, ele tinha

a perspectiva meio socialista, e mais essa proposta dos açorianos de não acumulação, que os açorianos têm muito essa versão de não acumulação de capital São bem diferentes, por exemplo, dos alemães e os italianos que chegaram aqui que só acumulavam Depois eu lhe conto uma historinha a respeito disto aí, que dá bem esta caracterização

Então, esse irmão mais moço do meu pai era mais decidido em termos de comércio, e nesse momento tinha uma lavanderia E aconteceu que onde estava instalada a sapataria do meu pai, que era na esquina da rua João Pinto com a Saldanha Marinho – hoje tem loja lá e um prédio grande, naquela época era uma casarão colonial de dois pisos E meu pai ocupava realmente a esquina, uma área dos 80 metros, mais ou menos Quer dizer que o negócio aí não era tão pequeno Lá ele sempre trabalhava com os 8, 10 funcionários, e quando fazia calçados tinha o dobro Quando começou essa concorrência a clientela começou a dar preferência ao calçado industrial, mais barato e às vezes mais confortável Eu me lembro que quando eu tinha nove anos, meu pai me fez uns sapatos que eu tive que usar até uns doze anos E meu pé crescia, e os sapatos que já fez com folga não acabavam, pois eram uns sapatos artesanais muito bem feitos Mas foi incômodo que o meu pé crescia (risadas) e a gente ficava com uma raiva danada daquele calçado

E aí esse irmão do meu pai com essa lavanderia, ele tem uma proposta de um vizinho, um comerciante que tinha uma padaria e que tinha problemas com os filhos, e estava bem doente Ele propôs para o meu tio ser sócio dele, para meu tio trocar o negócio Meu tio era muito atraído em termos de negócio, muito disposto, trabalhava muito E meu tio se enveredou para esse negócio de padaria Logo foi fazer um curso no Rio de Janeiro para aprender um negócio novo “Eu não vou aprender com esse pessoal daqui, eu vou aprender coisa moderna” E ele se tornou dono dessa padaria quer dizer, não exatamente dessa de uma outra padaria concorrente, e sem perder amizade do cara que o convidou, mas realmente cresceu, e nesse processo ele convidou meu pai Surgiram duas coisas na esquina que o meu pai ocupava, o dono do prédio, casarão, vendeu e o pessoal ia demolir o casarão para fazer um prédio E meu pai precisava arrumar um outro local para colocar a sapataria E o meu tio ocupava na mesma quadra, no meio da quadra, uma casa que vinha da rua João Pinto até a rua Tiradentes Era uma casa grande, onde ele tinha a tal lavanderia

Aí propôs ao meu pai, e disse “Olha, você bota a sapataria aqui e cuida dos dois negocios, dividindo os lucros, enquanto eu vou me envolver com esse negocio de padaria. E isso então fez com que o meu pai fosse deixando de ser um artesão, no sentido tradicional, que confeccionava calçados, que gostava de fazer o calçado, que ele naquele tempo cortava, costurava e os operários montavam faziam a montagem final. Então ele deixou o que ele gostava para ser um comerciante, porque tinha que atender a dois negocios. E no início, a lavanderia não era dele. Mas na medida em que o meu tio teve sucesso com a padaria, e ele foi até uma pessoa que na cidade inaugurou o sistema de pão quente, pão fatiado, que na época não tinha e que trouxe desse curso que fez no Rio de Janeiro, e ele foi largando a lavanderia. E o meu pai acabou adquirindo a lavanderia. Então meu pai, no final da carreira, se transformou muito mais num comerciante voltado pela lavanderia, que dava mais lucro, mais movimentação porque a sapataria gradativamente foi se transformando numa loja de consertos de calçados. E com isso, o número de operários foi diminuindo, e isso praticamente foi até a morte dele, porque num certo momento também esse ponto que ele tinha foi vendido, ele teve que inicialmente pensar em um local ou outro imóvel na mesma rua, pois não queriam perder o ponto. Mas acabou fazendo um investimento que já tem repercussão na chácara que nos temos aqui, que ele tinha comprado a chácara onde eu morava quando pequeno, na Agrônômica, e aí ele começou a pensar em vender uma parte da chácara, e depois decidiu abrir uma rua, e vender lotes.

Diana Onde é?

Sílvio Fica ali perto do Angeloni, entre Angeloni e o CIC. Era uma propriedade para a época, pequena, mas em termos urbanos era grande. Era uma questão de um hectare e pouco de 12-15 mil metros de terra por aí. E meu pai resolveu então comprar uma casa antiga na chamada rua João Pinto para onde ele acabou transferindo a lavanderia, e depois, já por questão de idade e doença, acabou vendendo e eliminou tudo. E a sapataria ele deu para o último empregado que ele teve, que já era empregado mesmo. Porque o tal líder socialista já tinha se aposentado. Ele deu a sapataria para ele para continuar, e o cara mudou para o continente.

Então, você tem uma trajetória do meu avô rural para a família, os descendentes que vão entrando na área urbana. E nessa área urbana o meu tio mais moço foi o que teve mais sucesso econômico, que fez uma carreira realmente de comerciante, e se envolveu em liderança de sindicato, federação de indústria. Teve um sucesso na época dele assim, nesse negócio de padaria, bastante sucesso. E o meu pai não teve tanto sucesso econômico assim, mas acabou adquirindo essa chácara nos anos 40 que se valorizou acabando sendo a tranquilidade dele em termos de aposentadoria. E o irmão mais velho, que tinha aprendido a profissão de pedreiro, não fez atividade assim comercial, porque num certo momento ele enveredou para ser um funcionário do governo. Ele foi chamado no Departamento de Saúde Pública e foi o responsável pelo empedramento de vários dos corregos que vinham das montanhas e nos morros, pela canalização das valas. E fez um trabalho grande nesse sentido, ele teve um prestígio de âmbito político, porque chefiava uma turma de mais ou menos uns 50 operários, que fazia esse tipo de trabalho e transformavam-no numa espécie de cabo eleitoral. Ele não era um cabo eleitoral no sentido estrito do termo, mas com aquela turma toda, e os seus descendentes, em épocas eleitorais ele era muito procurado pelos políticos, e tinha prestígio político. Quer dizer que, da família, foi o que teve mais prestígio político no sentido de que os filhos todos depois se empregaram em atividades do governo e no sentido de ter padrinhos governamentais. Ao passo que meu pai e meu tio, que eram comerciantes, eram muito independentes quanto a isso, tinham uma postura partidária. Essa simpatia pelo Partido Comunista evidentemente eliminava, que o meu tio também fazia parte disso, essa dependência do governo, que era um governo muito autoritário. Depois, lá pelos anos quarenta e poucos, na medida em que foi mudando essa estrutura de comércio, tanto meu pai quanto meu tio tiveram uma participação relativamente forte na Maçonaria. Entraram para a Maçonaria, e meu pai foi várias vezes tesoureiro da loja a que ele pertencia. E quando eu era menino o acompanhava muitas vezes nos morros, na casa de algum outro maçom. Especialmente nessas atividades sociais. A Maçonaria se preocupava quando sabia de uma família. Naquele tempo não tinha INSS para a maioria das pessoas, o seguro social do governo.

O chefe da família ficava doente, a família ficava na pior se o cara fosse autônomo e trabalhasse por conta própria. Então conforme

as relações, a Maçonaria entrava e socorria, como os espíritas entravam também. Os católicos eram os mais distantes disso, a fazer essa assistência local. Eles faziam uma assistência a quem era frequentador da igreja, mas uma assistência de caráter mais social, os espíritas sempre tiveram muito essa preocupação.

E os Maçons também. E eu sei que ali no centro da cidade, na rua Hercílio Luz, perto do Clube 12, tem um prédio que chamava Albergue Noturno, que foi uma criação da loja maçônica, a que meu pai participava. Ele teve também ali uma participação muito grande de manutenção. Meu pai foi muitas vezes tesoureiro dessa organização. Em função disso é que às vezes a gente acompanhava, como eu e meu irmão mais velho, num domingo, no sábado à tarde. “Ah, nos temos que ir ao Saco de Limões, nos tempos que ir a tal lugar”, dizia ele, e as vezes até eu ia levar um dinheiro ou às vezes uma cesta, hoje diria cesta básica, não é, ou eles faziam uma visita mais de conforto pessoal, se a pessoa estava doente.

E junto com isso, tanto um quanto o outro dos irmãos, fizemos a carreira como remadores. Também coisa de esporte, atividade esportiva, porque a rua João Pinto era praticamente junto ao mar, onde hoje é aquele terminal de ônibus que está meio desativado, no centro da cidade. Eles tinham ali os negócios. A padaria do meu tio foi ali, a lavanderia também foi ali perto, eles tinham negócios e ao mesmo tempo tinham lazer. E uma certa atividade política independente, seja uma certa simpatia pelo Partido Comunista, seja na atividade da Maçonaria, porque nessa época também a Maçonaria era muito mais atuante em termos de ser um fórum, pelo que eu entendo, um fórum onde pessoas diferentes, de camadas sociais diferentes falavam como iguais, porque eles se consideravam irmãos. E então se reuniam, por exemplo um governador do Estado com, digamos meu pai ou outra pessoa qualquer se tivesse um outro artesão qualquer, um alfaiate, um pedreiro que fazia parte da loja, falavam como iguais. E uma outra coisa era relacionada nessa época a estes lugares onde se podia falar como iguais eram muito poucos, eram muito poucos. E diferente de hoje, que, por exemplo, pelo que entendo conheço várias pessoas da Maçonaria, e afinal sou criado nesse tipo de ambiente.

Diana Você não é maçom?

Sílvio Não. Eu fui batizado na Maçonaria, mas não sou maçom. Batizado eu fui por decisão paterna, e claro que fui convidado já várias vezes para ir a solenidades. Mas não sou membro da ordem, digamos assim. Mas o que acontece nessa época, como eu estava falando, este fórum da Maçonaria era muito específico, e muito igualitário. Até certo ponto isso aí remetia ao próprio Partido Comunista, e é incrível, em termos do próprio Partido Comunista que reprimia na Rússia. Mas ao mesmo tempo a Maçonaria, pelo que o meu pai falava e por relatos, foi uma abertura muito grande na época da Segunda Guerra Mundial promovendo a documentação para as pessoas emigrarem, recebendo, encaminhando pessoas. Agora, em tempos recentes, além do crescimento grande dessa organização, os interesses mudaram, quer dizer, hoje são interesses corporativistas, o cara entra lá e há um espaço, não de discussão de coisas de interesse social, mas de espaços que são individuais, e possibilidades de fazer carreira política a partir dessa base. Então você tem vários políticos que são maçons, mas são membros de uma loja e tal no interesse pessoal de fazer média com isto, e, e claro, hoje é muito mais o local onde se encontra pessoas burocratas, digamos assim, que precisam dessa dependência. Eu não conheço bem, mas Brasília é um lugar que tem uma incidência muito grande de maçons, porque eles chegam lá atraídos pelo governo, ou levados lá por um determinado governo. Depois não querem sair e precisam fazer uma barganha muito grande para ficar. Então por aí a Maçonaria serve de uma base. E além do que, hoje, o espaço é muito corporativo. Por exemplo, os membros de polícia, do exército etc. têm um bom número de filiados em função desse problema do chamado corporativismo.

Então, voltando atrás, que você imaginava que a minha família era de comerciantes, não eram de comerciantes do tipo tradicional. Houve uma passagem do mundo rural para o mundo urbano. Agora é evidente que pegando a segunda geração que a primeira geração seria do meu pai, em termos do mundo urbano eu, meus primos e meus irmãos já pegamos uma situação em que nossos horizontes eram no ensino superior. Nem todos fizeram ensino superior. E aí há um processo de mudança, digamos assim, da cidade, com o surgimento da

universidade Quando estou me formando em historia e em filosofia, a universidade estava sendo criada Então eu ja tinha um pé nesse negocio de ser professor, como eu falei antes, diretor da escola, e todas essas coisas que foram experiências pequenas mas, ao mesmo tempo, nao foram mas experiências Eu acho que eu me saí bem nessas atividades todas Apesar de ser inexperiente, me sai bem Talvez tivesse me saído bem porque com esse negocio lá do meu pai da sapataria, tanto eu quanto meu irmão ajudávamos Nas horas vagas, quando a gente não estava na escola, na medida em que fomos crescendo, quatorze anos para frente, a gente passou a fazer experiências la, quer dizer, no sentido de que meu pai precisava sair, estava cansado daquilo e a gente ficava cuidando do caixa e se relacionando com empregados Mas aquela primeira confraria de ordem socialista foi mudando O empregado passou a ser “empregado” Mas o meu pai sempre mantinha uma posição de um tratamento muito igualitario E a gente aprendeu que antes de tudo tinha que valorizar as pessoas Isso não era muito explícito, mas quando eu tive que me relacionar com outras pessoas, com essa função de diretor de grupo, evidentemente isso foi uma experiência que ajudou

Diana Com certeza

Sílvio Agora, coincidentemente, quando eu me formei, a universidade estava se constituindo Eu logo tive a oportunidade de ter um bom relacionamento com Osvaldo Cabral, esse homem que foi fundador da Antropologia Aí começa uma carreira que antes eu imaginava que eu ia ser advogado Eu fui ser professor para segurar o curso de Direito, que eu fiz o primeiro ano de Direito, mas não acabei o curso por causa dessa gunada da universidade, fazer Antropologia, fazer pos-graduação Então isso reorientou tudo, reorientou toda a minha carreira

Açorianidade

Sílvio Agora voltando atrás, tem uma coisa que eu queria lhe contar sobre a diferença entre açorianos e alemães e italianos O meu avô materno era descendente de alemães, de sobrenome Lenz Meu nome completo seria Sílvio Lenz Coelho de Santos Era Sebastião Joaquim Lenz, o nome desse meu avô, que eu não conheci pois ele morreu quando a minha

mãe tinha sete anos. Ele já era casado em segundas núpcias, então já era uma pessoa de cinquenta e poucos anos quando casou com a minha avó. Mas a minha avó era de descendência açoriana. Ambos moravam em São José. Mas como ele morreu muito cedo, quando a minha mãe tinha sete anos de idade, a influência alemã foi mínima, exceto que a minha mãe sempre foi não só preocupada em organizar o trabalho doméstico e muito dedicada a casa, mas também muito de iniciativa. Estimulava bastante a gente, cobrava o negócio de escola e era muito dinâmica. Havia uma ocasião, isto é a historinha que eu queria lhe contar para você ver a diferença, que a chacara era praticamente responsabilidade dela. Claro que em vários momentos a gente tinha uma empregada, porque tinha vaca, tinha porco, tinha galinha, tinha horta e afinal era um hectare e pouco de terra para cuidar. Ela não podia fazer tudo, e a gente também era estudante, mas ajudava numa coisa ou noutra. Mas ela cuidava de um imenso jardim em frente da casa, e tinha um prazer danado de plantar mudas para dar. Se alguém ia casar, ela já tinha lá um monte de plantas para dar. E como morávamos no final da Agromônica, o cemitério naqueles tempos era estradinha de barro, e muitas vezes indo a pé, no dia dos mortos, novembro (risadas), a vizinhança “ah Dona Amora,” o nome dela era Maria Lídia, mas todo o mundo a chamava de Dona Amora. E então, “Ah se nos queríamos conseguir uma flor, quanto é essa massa de flores?” Não é nada. Ela não cobrava nada. Ela dava. Bom, aí, numa ocasião, o meu pai já tinha carro, houve o cinquentenário de Joinville, em 1951. Nós já tínhamos ido à festa de Blumenau, que meu pai gostava de sair com a família. E aí a minha mãe lembrou que tinha um primo que morava lá em Joinville, mandou uma carta com antecedência, dizendo que estávamos pensando em fazer uma visita, e esse primo mandou convidar para ficar lá, que a casa era grande. E ficamos na casa do tal primo dela. E fomos muito bem atendidos. Desta casa até o local das festas dava um quilômetro, por aí, então a gente deixava o carro lá e ia a pé. E a minha mãe viu numa casa próxima, um jardim lindo, com as flores que ela não tinha. Aí ela falou com meu pai que quando nos fossemos embora, que ela queria parar ali para ver se conseguia umas mudas. E assim, no domingo que a gente ia voltar, lá pela tarde, nos despedimos da família, e quando o carro chegou ali naquela casa, que era uns duzentos metros para frente, minha mãe pediu

que o meu pai parasse Ela foi lá, bateu na porta, e falou com a senhora que a atendeu A mulher foi muito solícita para organizar as mudas que ela queria Então a minha mãe perguntou, ‘ Quanto e?’ A mulher “Bom, 5 reais” que naquele tempo não era o real, era outro preço A minha mãe foi lá, pediu para o meu pai o dinheiro, que ela estava ali so de mão Pegou o dinheiro, pagou, pegou as mudas, botou no carro, e tudo bem Ela quieta, não falou nada Quando estávamos saindo da cidade na zona rural, ela disse para o meu pai, “Dá uma parada aqui Para um pouco” Ao parar, ela pegou aquelas mudas todas e jogou fora “Onde é que ja se viu uma pessoa bater na porta de outra pedir umas mudas de flores e ter que pagar?” Isto não entrava na cabeça dela E realmente essa historia mostra a diferença de açoriano para italiano ou alemão não é? Quer dizer, a proposta mais mercantilista da coisa É esse diferencial, eu acho, que na zona rural esta muito presente para a população de descendência açoriana

Hoje em dia, claro, estão cobrando, tiveram que cobrar, senão, não sobrevivem Mas ainda está presente na pesca da tainha, por exemplo Quem ajuda puxar, não e o pessoal que é parceiro, mas o pessoal que vem ajudar, e não sei o que, sempre tem um quinhão de tainha para receber de graça Não é?

Diana É uma muita boa historia Eu noto um paralelo entre o igualitarismo do seu pai na fábrica de sapatos, a influência socialista, e o que você conta dos açorianos Você acredita que entrou aqui nessa sua história também, esse sentido socialista da sua familia de que você ja falou? Ou você acredita que os açorianos em geral tinham essa mentalidade?

Sílvio Comunitaria e um tanto socialista exceto que não havia socialismo e eles tambem não tinham essa cultura Mas havia uma tradição de ajuda mútua muito forte, isto era um sentimento muito forte Havia pobreza Inclusive, na zona rural a pobreza era maior Mas e como você disse, era uma pobreza de acesso monetario quer dizer de ter dinheiro na mão Mas as pessoas que possuíam algum alimento, alguma coisa e tal, partilhavam muito E a experiência socialista tinha muito disso também A pescaria era de parceria, e a produção de farinha era tambem

Trajetórias de vida na Ilha fragmentos de uma conversa com Silvio Coelho dos Santos

de parceria, porque o dono do engenho ele não só produzia a farinha que ele conseguia produzir em termos de mandioca, mas ele várias vezes produzia para os vizinhos. Claro que foi mediante uma percentual que ele descontava aí, que ele era dono do engenho, e ficava lá, não é? Vinte por cento, por aí. Mas o que acontece e que esses vizinhos e os parentes, na época da farinha, iam ajudar porque que havia muitas mãos para a ajuda mútua, tipo mútuo, de vizinho de um ajudar o outro. E também havia aquela ajuda dos caras que eram só parentes ou vizinhos, que não tinham mandioca para produzir farinha, mas que iam ajudar aquele que tinha um engenho, com a expectativa no final que tivesse um ganho, então, esse tanto de farinha para você, que ajudou aqui a temporada, etc.” Mas isso tudo não era uma coisa explícita, como uma relação de trabalho compulsório não é, era uma coisa muito aberta.

Diana E nos engenhos, a pessoa que não tinha engenho levava então a mandioca para ser

Sílvio Para ser feita a farinha

Diana E pagava, então, ou dava uma porção

Sílvio E, uma porcentagem em farinha mesmo. Quer dizer digamos ia dar os 30 sacos de farinha deixava 10 e ficava com 20. Agora, o que eu enfatizei foi aqueles que não tinham terreno para plantar e que não tinham também engenho, mas iam se oferecer para fazer o trabalho como vizinhos. Quer dizer, claro que eu disse, sempre tinha uma perspectiva de ganhar alguma coisa, mas muitas vezes era pelo interesse comunitário de ajudar, porque tinha também um aspecto de festa. Existem canções relacionadas com a produção de farinha, existem brincadeiras também.

FIM